



Uma ruína é a consequência de um processo onde o tempo atua e desgasta a matéria, resultando no seu fim, ou pelo contrário, num novo princípio de uma nova natureza. Associadas a uma memória, são formas que representam um testemunho do passado mas que não tem necessariamente de lhes pertencer, estabelecendo assim a ponte de ligação entre o passado, o presente e o futuro.

No seguimento da proposta de grupo, num cenário de requalificação do Jamor e de reabilitação da FMH, torna-se fundamental uma intervenção na Quinta da Graça, sendo que é esta que estabelece a transição e mediação entre ambos. Num processo de continuidade da reabilitação da faculdade, pretendeu-se que o programa a adotar se relacionasse com a mesma, o que dado o facto de ser a única faculdade do país a ter o curso de dança e ter estado na eminência de fechar por falta de condições, levou a que o programa se tratasse de uma escola de dança que serve não só a faculdade como também grupos exteriores que queiram usufruir das suas instalações. Procurou-se que este programa mantivesse o *Genius Loci*, o que, apesar de não ser o mesmo programa que o primitivo, ainda assim mantém o carácter lúdico a que história daquele sítio remonta.

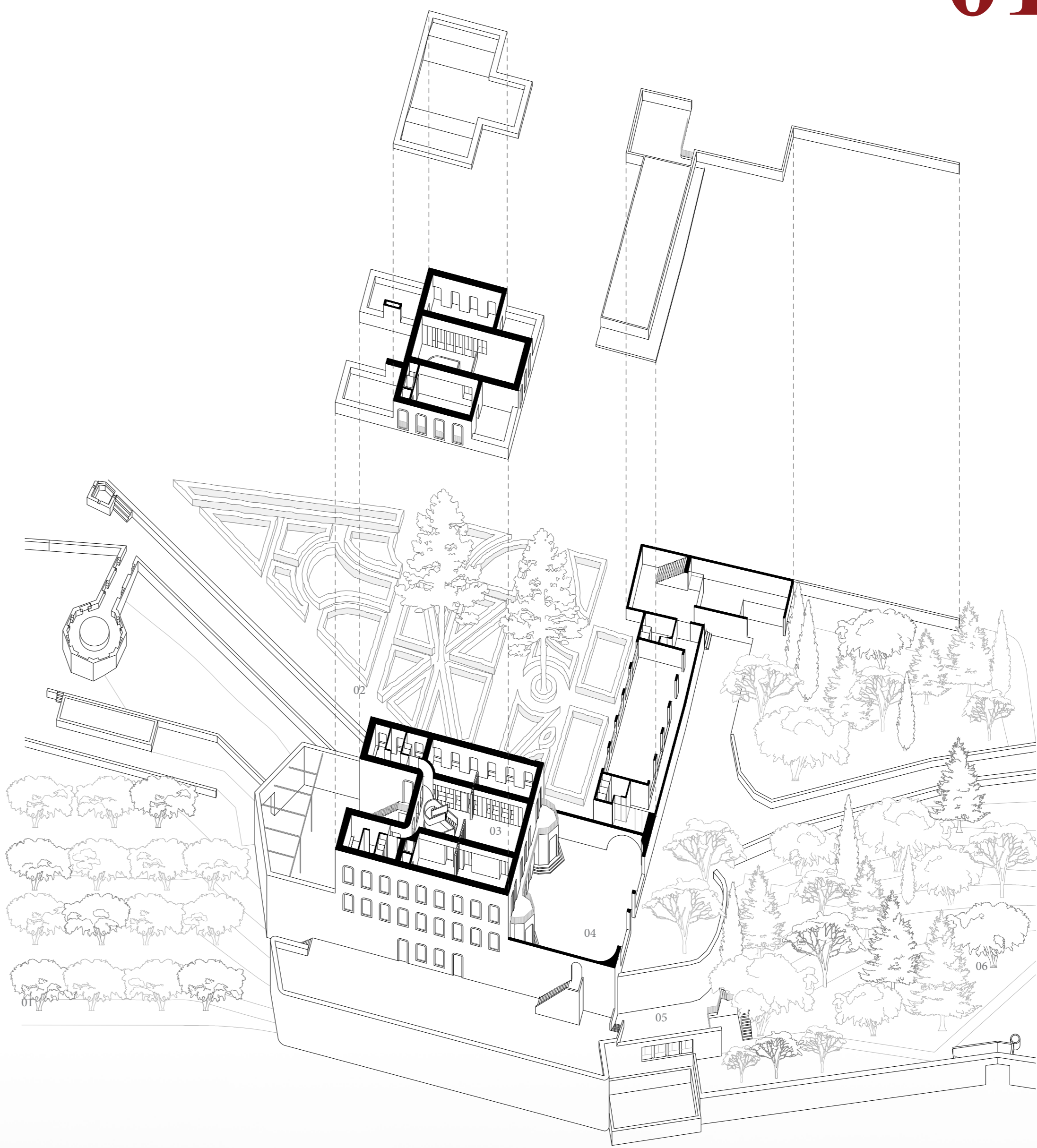
Por um dos maiores problemas da quinta se tratar das sucessivas intervenções feitas na sua envolvente, que a vieram a deturpar e comprometer, a intervenção primeiramente começou por identificar os elementos que pertenciam ao projeto inicial, desde o edificado em anexo aos muros de contenção, valorizando-os e repensando a necessidade dos restantes. Isto levou a que uma parte do projeto passasse pelo redesenho da sua envolvente e com isto resolver as transições pedonais, quer no sentido longitudinal à quinta, quer no sentido transversal (aqui resolvendo também a diferença de cotas) para facilitar os acessos entre a faculdade e o Jamor. Paralelamente ao redesenho destes percursos, tentou-se integrá-los no programa da escola de modo a que se relacionem, como acontece no percurso adjacente ao auditório exterior, que se insere no pátio tardoz da quinta, e através da abertura no muro se relaciona com as pré-existências da mina, do tanque e da nora,

assim como o percurso que se inicia na quadra do muro do antigo convento, passa junto à cafetaria, sobe até à plataforma sobranceira ao vale e, por fim, culmina no pátio de honra.

Após observar o programa implícito numa escola de dança, é feita uma separação entre o que são as áreas sociais e comuns, como a sala de estudo e a sala de convívio, e o que são os espaços que exigem maior privacidade, como os estúdios, salas de professores, balneários e zonas técnicas. No seguimento da demolição das construções anexas à quinta, que aliadas à falta de qualidade arquitetónica tanto comprometem e se sobrepõem ao edifício principal, é proposto a construção de um volume que contém a sala de estudo e sala de convívio, abrindo a possibilidade de serem frequentadas por alunos exteriores ao curso de dança. Este volume pretende respeitar o edifício principal, procurando manter uma presença anónima e silenciosa, que na vez de se sobrepôr ao edifício principal o ajuda a compreender.

Na quinta encontram-se os programas mais privados que constituem a escola de dança, onde se procurou re-interpretar a tipologia original do edifício, recorrendo às devidas adaptações ao novo uso. Por o edifício se encontrar devoluto, mantendo pouco mais do que as paredes exteriores, não se pretendeu mantê-lo enquanto ruína, mas procurou-se que a intervenção desse continuidade à vida do edifício mantendo a memória da ruína em que se encontra. Para isto, o telhado em águas original, que atualmente não existe, é substituído por uma cobertura plana que juntamente com uns canteiros criados na espessura das guardas das varandas superiores remete para uma imagem de decadência. A materialidade utilizada transversal ao projeto trata-se de betão desativado. A escolha deste material deve-se ao modo como através do mesmo é feita uma distinção clara entre o pré-existente e a intervenção nova, num processo de continuidade causada pela proximidade que existe na textura e na solidez do betão desativado com os muros originais da quinta e do convento.

Gonçalo Grácio



01. pomar

02. jardim de buxo

03. quinta

04. pátio de honra

05. casa de frescos

06. mata





Para tornar possível uma edição dos Jogos Olímpicos, elaborou-se uma proposta em grupo de modo a dotar o Jamor de condições para acolher os jogos, pensando-se os equipamentos existentes e o desenho do espaço público respondendo às necessidades que estão implícitas num evento desta escala, assim como quais os desportos que deveriam permanecer no Jamor. Para uma maior integração do vale do Jamor na cidade, prolongou-se a linha de metro com base numa proposta já existente até à Cruz Quebrada, assim como a activação da linha do eléctrico proveniente de Belém e do redesenho da estação de comboios da Cruz Quebrada, permitindo uma ligação mais fluida do aeroporto e uma ligação mais facilitada entre a linha de comboio de Sintra e de Cascais.

Dada a dimensão de um evento como os Jogos Olímpicos, torna-se impossível pensar o Jamor sem pensar a frente ribeirinha. Aqui, a intervenção passou por restituir o carácter remanescente do local através de uma maior relação com a água, criada pela reposição da praia da Cruz Quebrada, pela criação de uma piscina de saltos que após os jogos reverte como piscina oceânica e também pela introdução da prática de canoagem no rio Tejo. No Jamor a intervenção procura manter os desportos existentes, dotando-os das condições necessárias à sua prática sem causar um grande impacto e mudar as características do vale. Implantaram-se os campos de treino ao longo do vale de modo a permitir uma permeabilidade quer física, quer visual ao longo do mesmo. As bancadas do Estádio Nacional sofrem uma ampliação, a piscina olímpica é redesenhada, o Centro de Alto Rendimento é aumentado para dar resposta às necessidades da prática de atletismo, passando dos actuais 60 metros para 200 metros e é criada uma nova arena de ténis de maior dimensão. Não só em prol dos Jogos Olímpicos, mas sobretudo na tentativa do evento contribuir para a qualidade de vida das pessoas que todos os dias frequentam o Jamor, a Faculdade de Motricidade Humana, que tanto usufrui do Complexo Desportivo, é reabilitada e é feita uma intervenção individual na Quinta da Graça que estabelece a mediação e a transição entre a facultade e o Jamor.

Identificou-se a vermelho tudo o que é proposto.

**QUINTA DE RECREIO**

Numa proposta de qualificação da zona norte, que aliada à desorganização que aqui existe é também esta zona que estabelece a mediação entre a quinta e o edifício do Ténis de Alto Rendimento, que tanto a compromete, é criada uma zona arborizada que re-interpreta o pomar que aqui existia (uma grande referência dos tempos áureos da Quinta da Graça), que dada a métrica rígida com que são plantadas e dada a escala da árvore tentam trazer alguma ordem a este sítio.

Após identificar os elementos primitivos que definem a Quinta da Graça enquanto quinta de recreio, como o "pomar", a "quinta", o "jardim de buxo" ou "pátio de honra" e a "mata", apercebemos-nos que há um elemento em falta que também é característico das quintas de recreio - a Casa de Frescos. No seguimento das analogias e re-interpretações feitas ao longo do projeto, entre o programa original e o programa atual, é já com a intenção de criar uma relação franca entre a cafetaria e o tanque principal, pensou-se a cafetaria como a casa de frescos que a quinta nunca teve.

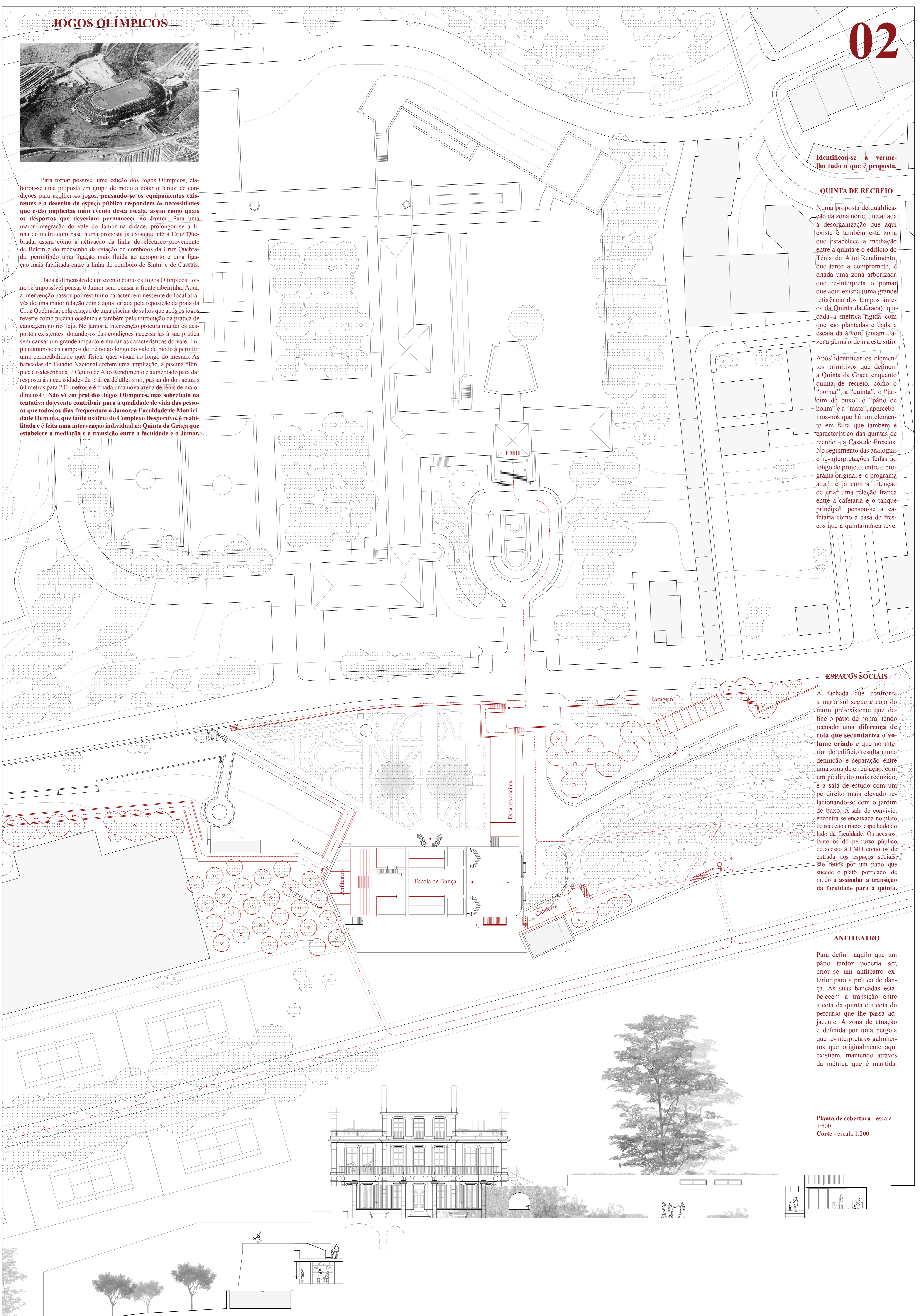
**ESPAÇOS SOCIAIS**

A fachada que confronta a rua a sul segue a cota do muro pré-existente que define o pátio de honra, tendo recuado uma diferença de cota que secundariza o volume criado e que no interior do edifício resulta numa definição e separação entre uma zona de circulação, com um pé direito mais reduzido, e a sala de estudo com um pé direito mais elevado relacionando-se com o jardim de buxo. A sala de convívio, encontra-se encaixada no platô de receção criado, espelhado do lado da facultade. Os acessos, tanto os do percurso público de acesso à FMH como os de entrada aos espaços sociais, são feitos por um pátio que sucede o platô, porticado, de modo a assinalar a transição da facultade para a quinta.

**ANFITEATRO**

Para definir aquilo que um pátio tardoz poderia ser, criou-se um anfiteatro exterior para a prática de dança. As suas bancadas estabelecem a transição entre a cota da quinta e a cota do percurso que lhe passa adjacente. A zona de atuação é definida por uma pérgola que re-interpreta os galinheiros que originalmente aqui existiam, mantendo através da métrica que é mantida.

Planta de cobertura - escala 1:500  
Corte - escala 1:200





Kurt Pinto. 1887-1959

A construção do Estádio Nacional implicou um redesenho do vale do Jamor. De acordo com Gilberto Monteiro na sua obra *O Sítio da Cruz Quebrada*, "Diluíram-se na florestação as velhas quintas do Balteiro, do Rodizio; a de S. José nem sequer a terra e o local resistiram, tal foi a violenta obra das máquinas escavadoras, as «Bulldozers», quando da construção do Estádio." É feito um corte na paisagem rural que caracterizava o vale, com as suas quintas de produção e de recreio, preservando apenas o palácio da Quinta da Graça, a casa da Quinta do Esteiro, a casa da Quinta do Balteiro e da Quinta das Biscoiteiras, a ponte seicentista que atravessa o Jamor, alguns moinhos e a capela da Vila da Boa Viagem. Aquilo que era um vale caracterizado por searas e oliveiras pontuais, sobretudo a delimitar os caminhos, transformou-se numa mata de arvoredo composta por acácias, pinheiros, eucaliptos, ciprestes entre outras espécies.

As primeiras ocupações na Cruz Quebrada deram-se com o surgimento de algumas instalações conventuais no século XVI como o Convento de Santa Catarina, o da Boa Viagem e mais tarde o da Graça. Com a extinção das ordens religiosas, os conventos foram vendidos e aos dias de hoje apenas chegaram resquícios da sua existência.

Paralelamente ao cenário da extinção das ordens religiosas, já com o antecedente dos estragos provocados pelo terramoto de 1755 e com a expansão da cidade de Lisboa ao longo da Costa do Sol, foram surgindo algumas quintas de recreio ao longo do vale do rio, destacando-se exemplos como a Quinta do Esteiro, da Graça, do Rodizio, de São José, das Biscoiteiras e por fim a do Balteiro. Dada a fertilidade dos solos, abundância de água e proximidade a Lisboa a Cruz Quebrada tornou-se uma zona de veraneio, também associada à exploração agrícola desenvolvendo diversas culturas.

Contudo, o novo ramal do caminho de ferro também deu origem às primeiras fábricas na Cruz Quebrada. A industrialização da zona atraiu burgueses e operários que acabaram por afastar a aristocracia para outros lugares provocando maus cheiros e fumos intensivos naquele lugar. São exemplos destas fábricas a Real Fábrica da Solta, a Fábrica dos Fermentos Holandeses e a Lusaltel.



Dom Hans Van der Laan - Abadia St. Benedict's, Vaals

**TIPOLOGIA DA QUINTA**

A tipologia re-interpreta o desenho original da quinta, não no sentido literal porque o programa não é o mesmo a as exigências espaciais são outras, mas sim no modo como os espaços se organizam e no modo como são feitas as circulações pela mesma.

Para evidenciar essa ideia de "re-interpretação" da planta original, criaram-se duas paredes espessas, que correspondem a armários e caixões, que juntamente com o núcleo central criado pela escada e pela recepção geram a matriz e a lógica da planta, contrapondo-se às restantes paredes, criadas por cortinas que abrem múltiplas possibilidades de utilização dos espaços, sempre sem comprometer a lógica estruturante de circulação e organização.

**ANFITEATRO**

Criou-se uma abertura no muro que define o pátio tardo, que corresponde à "proa" do edifício. Esta abertura permite criar uma ligação mais franca entre o anfiteatro e o percurso que lhe passa adjacente, permitindo também uma maior permeabilidade que dada a fluidez longitudinal pela quinta, permite que essa permeabilidade se inicie no pátio de honra.

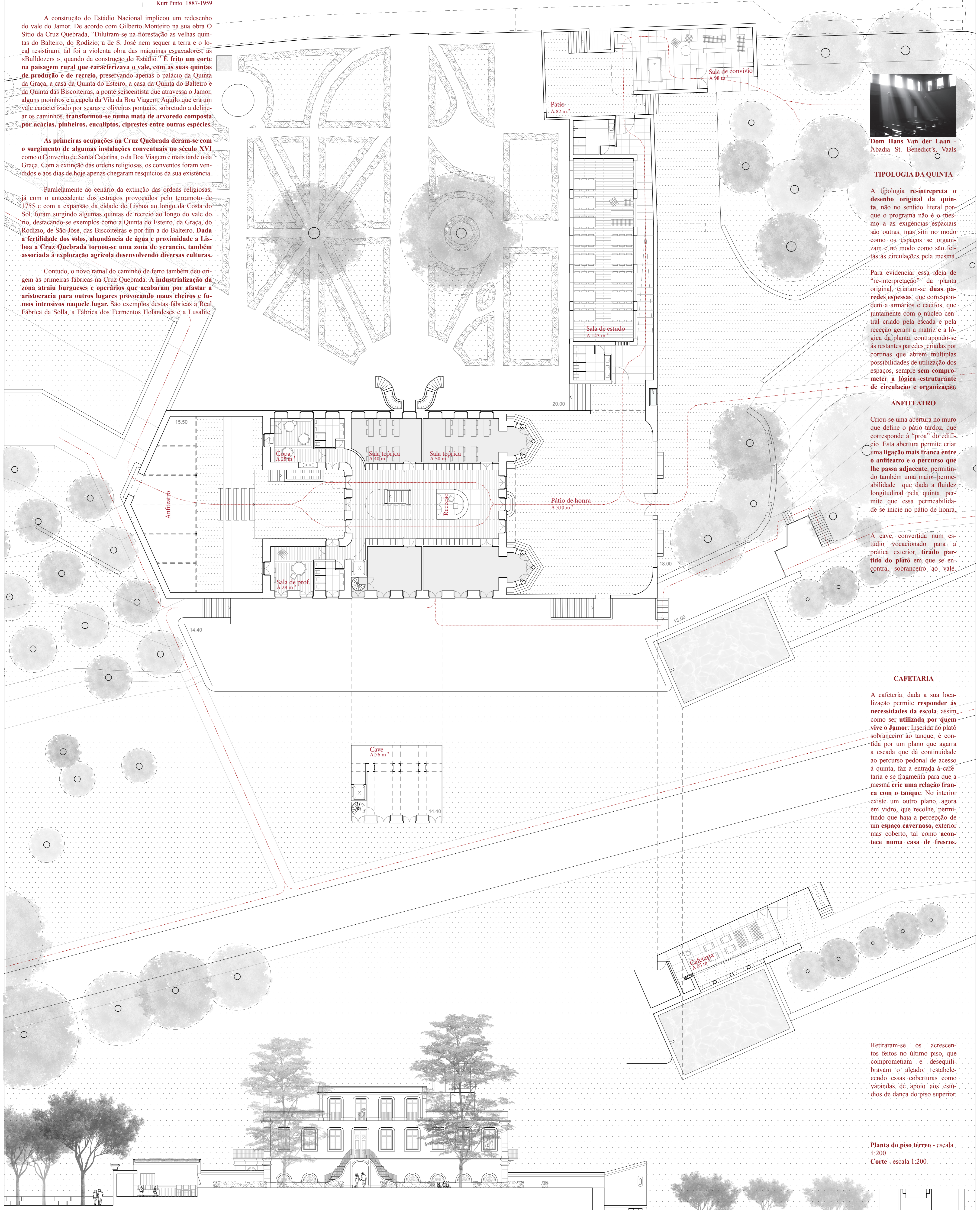
A cave, convertida num estúdio vocacionado para a prática exterior, tirado partido do platô em que se encontra, sobranceiro ao vale.

**CAFETARIA**

A cafeteria, dada a sua localização permite responder às necessidades da escola, assim como ser utilizada por quem vive o Jamor. Inserida no platô sobranceiro ao tanque, é contida por um plano que agarra a escada que dá continuidade ao percurso pedonal de acesso à quinta, faz a entrada à cafeteria e se fragmenta para que a mesma crie uma relação franca com o tanque. No interior existe um outro plano, agora em vidro, que recolhe, permitindo que haja a percepção de um espaço cavernoso, exterior mas coberto, tal como acontece numa casa de frescos.

Retiraram-se os acrescentos feitos no último piso, que comprometiam e desequilibravam o alçado, restabelecendo essas coberturas como varandas de apoio aos estúdios de dança do piso superior.

Planta do piso térreo - escala 1:200  
Corte - escala 1:200





A origem do local remonta à pré-existência de um Convento da Ordem de Santo Agostinho. Inicialmente chamados Eremitas de Santo Agostinho. É escassa a informação acerca do convento, sabe-se apenas que foi também utilizado como estância de repouso e convalescença de altos dignitários da igreja que ali passavam os meses de verão e onde recuperavam até ao restabelecimento total da saúde. Após a extinção das Ordens Religiosas em 1834, surge a figura de José Manuel Machado, que por volta dessa época adquire a propriedade e edifica a Quinta da Graça, conforme o Padre Figueira refere em *Os Primeiros Trabalhos Literários*, "digna d'esse nome pela formosura do palácio, um dos mais ricos dos arredores de Lisboa, e beleza da quinta, de bons arvoredos, jardim, estufa, lagos, pomares, tudo tratado com exemplar esmero." Armador marítimo com escritórios em Lisboa, Cádiz e S. Salvador da Baía, José Manuel Machado deixou representado na construção da quinta o seu amor pelo mar através das semelhanças volumétricas entre a quinta e um barco, nomeadamente nos muros a norte. Em meados da década de trinta do século passado, o palácio, quinta e terrenos envolventes foram expropriados em prol da construção do Estádio Nacional e do Instituto Nacional de Educação Física, introduzindo assim novas vivências no vale do Jamor.

A importância que esta quinta teve é perceptível pelo porte do seu palácio e pelo modo como a sua implantação na encosta a faz dominar o horizonte debruçado sobre o rio Jamor. Apesar da importância histórica e social que a Quinta da Graça teve, muito desse esplendor perdeu-se após a sua expropriação em 1936 para dar lugar aos equipamentos necessários ao desenvolvimento do Complexo Desportivo que a descaracterizou em prol das novas funções e da excessiva exploração dos espaços envolventes, comprometendo a riqueza original que a quinta tivera. A situação em que se encontra o palácio, especialmente após o incêndio que ocorreu a 1993 denuncia o seu desfecho trágico que chega aos nossos dias enquanto ruína.

PISO NOBRE

Este piso procura explorar o conceito da tipologia original do edifício, mantendo a sua lógica de circulação e organização. Por se tratar do Piso Nobre, com uma entrada direta pela jardim de buxo, e criada a "sala do piano" que apoia a prática das aulas de ballet, permite a ocorrência de espetáculos de dança e restitui o carácter original deste piso. Os vários estúdios comunicam entre si, com a "sala do piano" através de um sistema de cortinas e de duas portas que permitem fragmentar os espaços, ou, pelo contrário, criar uma permeabilidade e fluidez entre eles vantajosa em situações de eventos.

É reposto o desenho original da parede curva que faz os acessos aos balneários. Este desenho secundariza estes dois espaços, que de facto, dado o programa que contém são apenas espaços de apoio, faz também com que os mesmos não participem na lógica da tipologia.

PISO 2

Ao chegar a este piso ocorre um momento que olha sobre a sala do piano, antes de se entrar nas salas. São criados dois estúdios de dança que através do redesenho das varandas permitem a prática de dança no exterior e que através da criação de um vão mantêm a comunicação com os restantes espaços.

Planta do piso 1 - escala 1:200  
Planta do piso 2 - escala 1:200

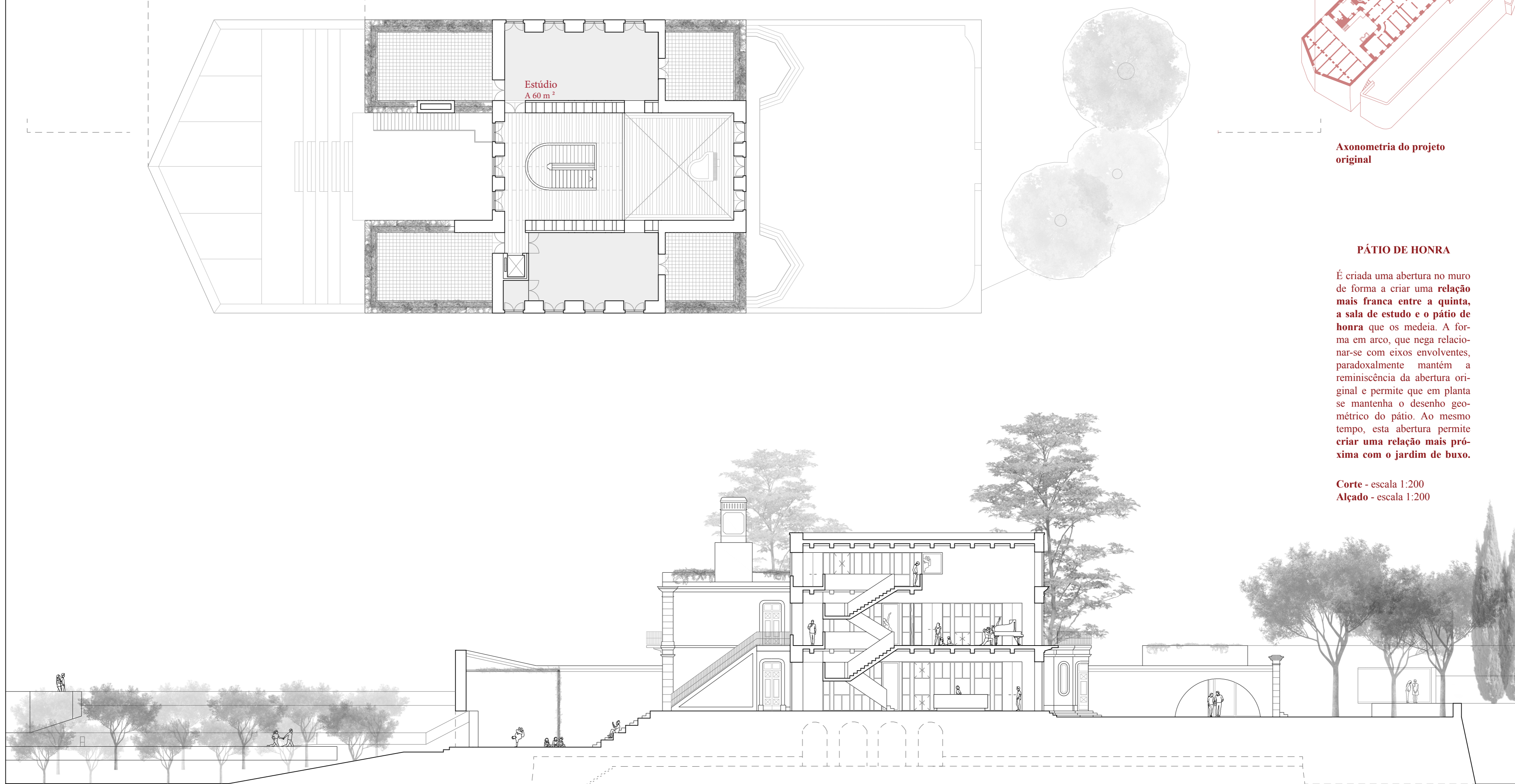


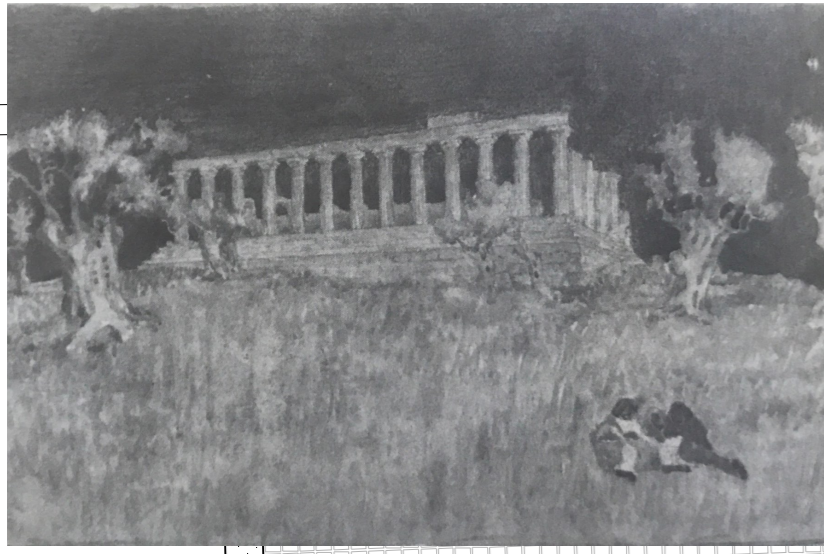
Axonometria do projeto original

PÁTIO DE HONRA

É criada uma abertura no muro de forma a criar uma relação mais franca entre a quinta, a sala de estudo e o pátio de honra que os media. A forma em arco, que nega relacionar-se com eixos envolventes, paradoxalmente mantém a reminiscência da abertura original e permite que em planta se mantenha o desenho geométrico do pátio. Ao mesmo tempo, esta abertura permite criar uma relação mais próxima com o jardim de buxo.

Corte - escala 1:200  
Alçado - escala 1:200



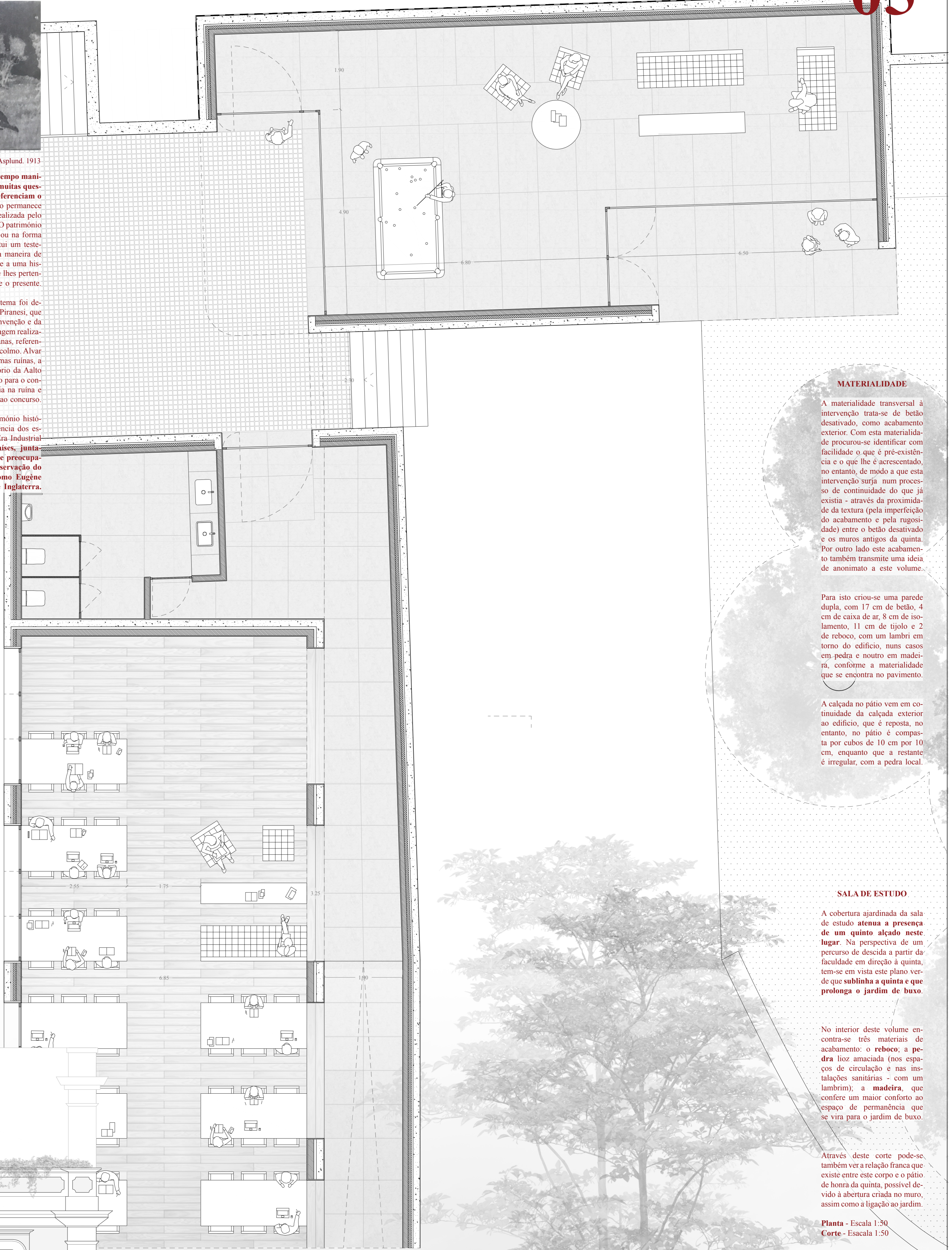
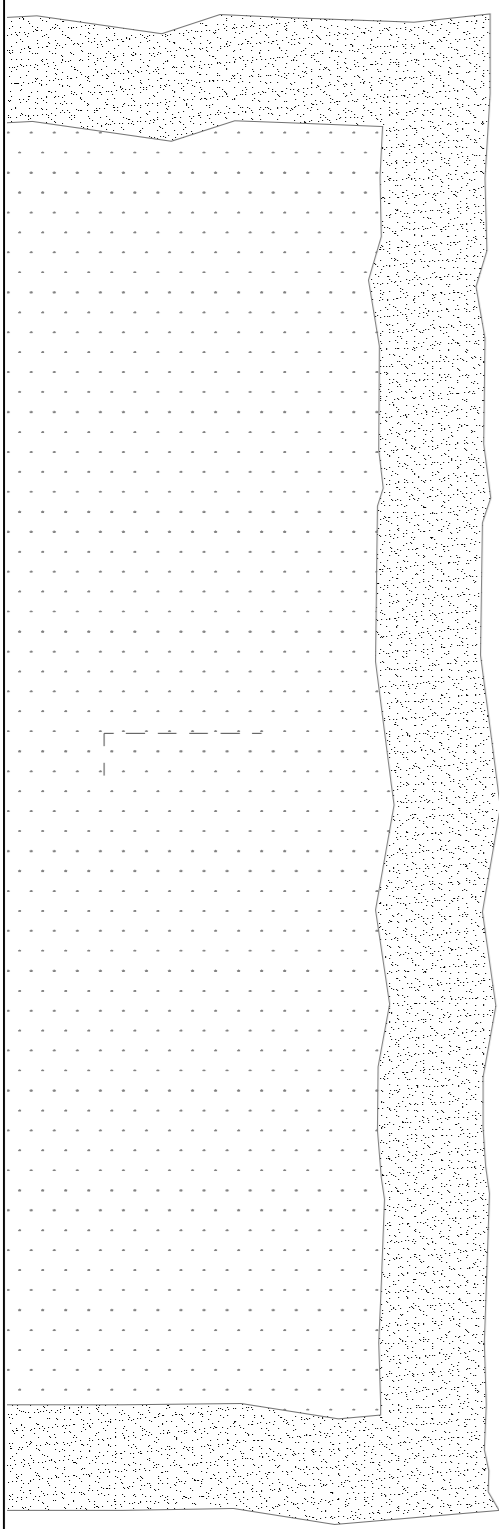


Erik Gunnar Asplund, 1913

Na arquitetura, assim como no quotidiano, o tempo manifesta um papel condicionante tornando-se o cerne de muitas questões em torno das quais os arquitetos se dedicam e referenciam o seu trabalho. A arquitetura como objeto de criação, não permanece eternamente no seu estado inicial, o modo como foi idealizada pelo arquiteto, torna-se rapidamente objeto de ação do tempo. O património edificado, quer este se encontre na sua forma original ou na forma de ruína, evidencia a evolução das sociedades e constitui um testemunho vivo do passado que representa um povo, a sua maneira de ser e o seu modo de viver. Associadas a uma memória e a uma história, ultrapassam remetem para o passado, não tendo de lhes pertencer - estabelecendo assim a mediação entre o passado e o presente.

Ao longo dos séculos o interesse em torno do tema foi demonstrado por diversos autores, como Giovanni Battista Piranesi, que realizou gravuras que apelam à imaginação através da invenção e da fantasia. Erik Gunnar Asplund, no seguimento de uma viagem realizada a Itália em 1913, na qual visitou ruínas gregas e romanas, referenciou-se nas mesmas para o projeto do Crematório de Estocolmo. Alvar Aalto, à semelhança de Asplund também visitou as mesmas ruínas, a importância desta viagem está patente no grande auditório da Aalto University. Também Eduardo Souto de Moura, no projeto para o concurso da Casa para Karl Friedrich Schinkel se referência na ruína e no romantismo em torno da mesma para a sua resposta ao concurso.

Durante o século XIX, a atenção sobre o património histórico edificado e a sua preservação teve início na sequência dos estragos provocados na guerra, ao mesmo tempo que a Era Industrial ganhava terreno em Inglaterra. Assim, estes dois países, juntamente com Itália, vêem surgir os primeiros debates e preocupações viradas para as metodologias de restauro e conservação do património cultural, onde se destacaram figuras como Eugène Viollet-le-Duc, natural de França e John Ruskin de Inglaterra.



**MATERIALIDADE**

A materialidade transversal à intervenção trata-se de betão desativado, como acabamento exterior. Com esta materialidade procurou-se identificar com facilidade o que é pré-existência e o que lhe é acrescentado, no entanto, de modo a que esta intervenção surja num processo de continuidade do que já existia - através da proximidade da textura (pela imperfeição do acabamento e pela rugosidade) entre o betão desativado e os muros antigos da quinta. Por outro lado este acabamento também transmite uma ideia de anonimato a este volume.

Para isto criou-se uma parede dupla, com 17 cm de betão, 4 cm de caixa de ar, 8 cm de isolamento, 11 cm de tijolo e 2 de reboco, com um lambril em torno do edifício, nuns casos em pedra e noutro em madeira, conforme a materialidade que se encontra no pavimento.

A calçada no pátio vem em continuidade da calçada exterior ao edifício, que é reposta, no entanto, no pátio é composta por cubos de 10 cm por 10 cm, enquanto que a restante é irregular, com a pedra local.

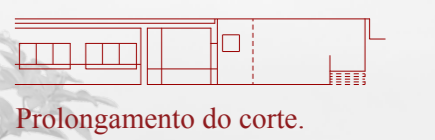
**SALA DE ESTUDO**

A cobertura ajardinada da sala de estudo atenua a presença de um quinto alçado neste lugar. Na perspectiva de um percurso de descida à quinta, tem-se em vista este plano verde que sublinha a quinta e que prolonga o jardim de buxo.

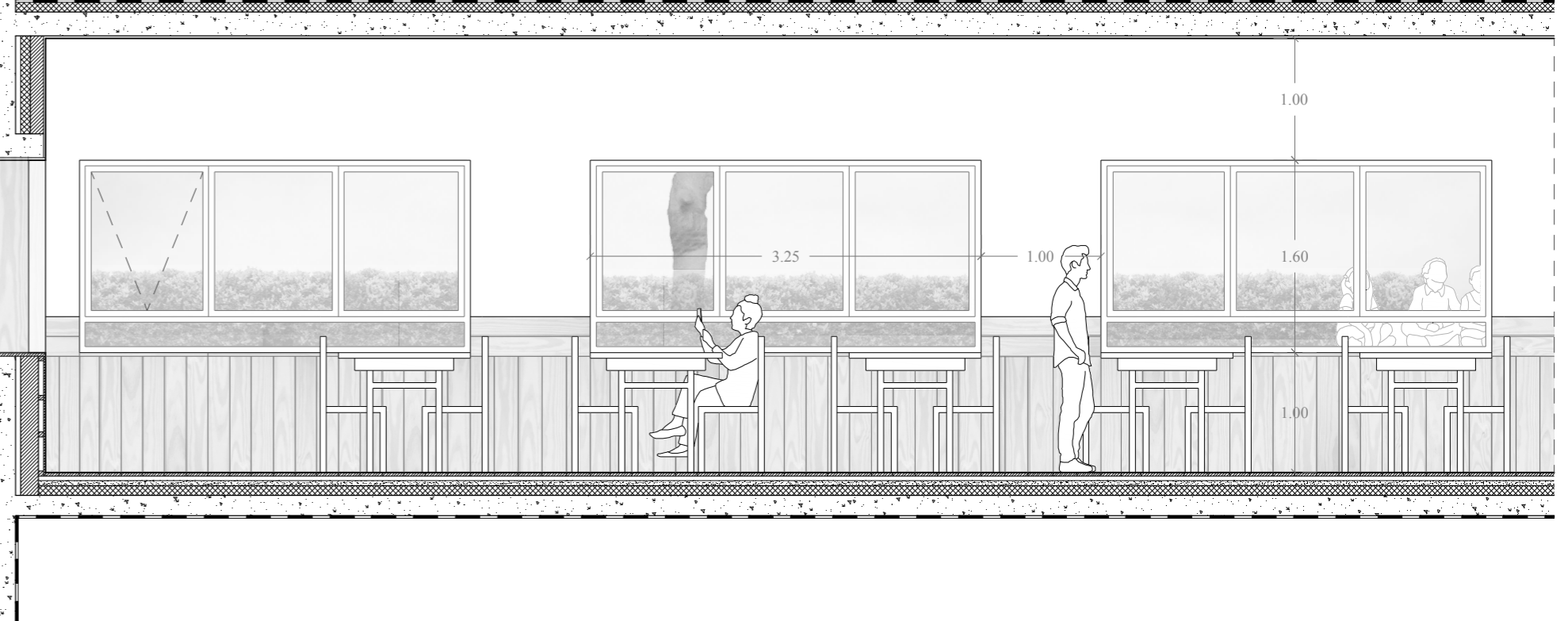
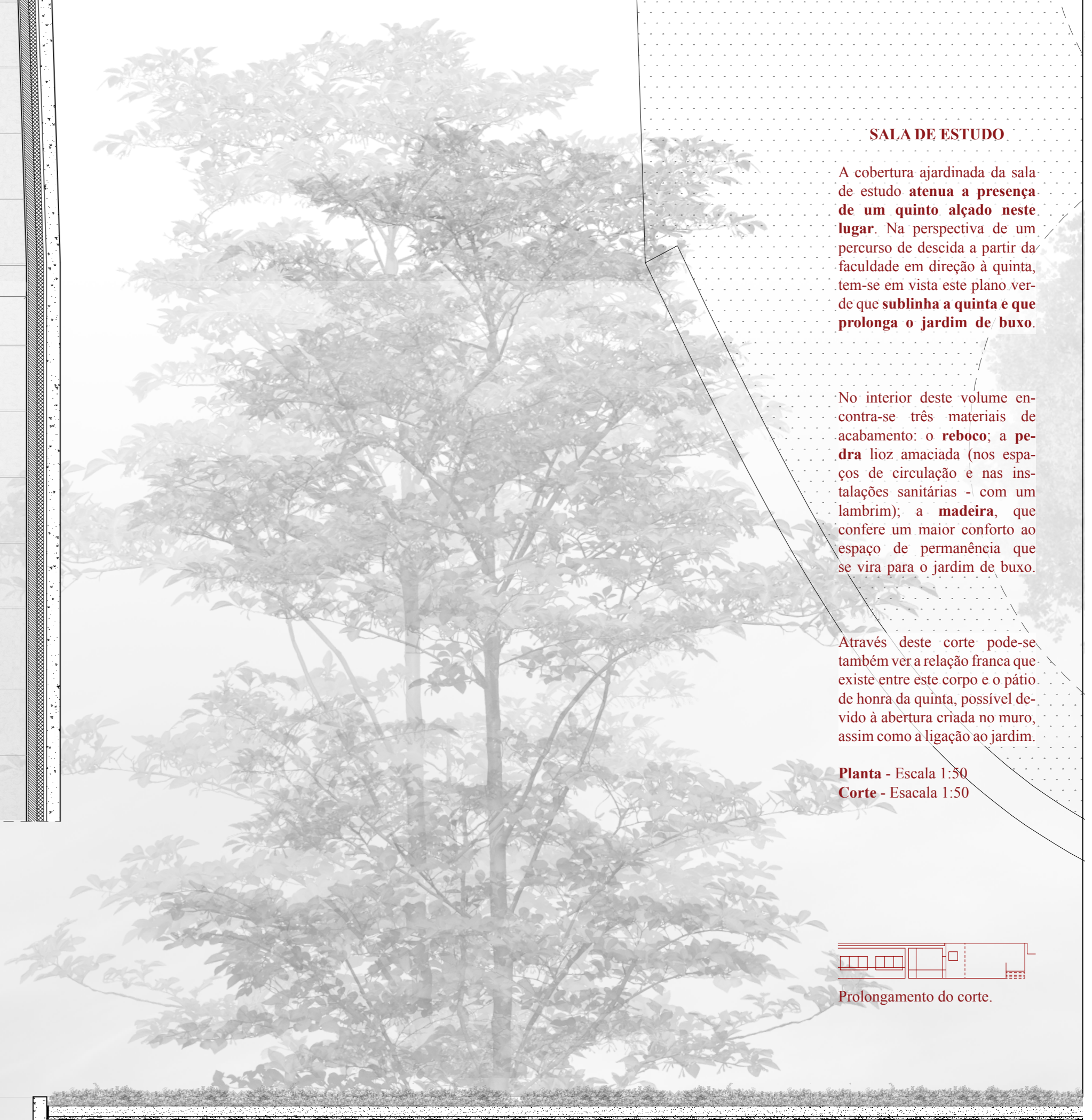
No interior deste volume encontra-se três materiais de acabamento: o reboco; a pedra lioz amaciada (nos espaços de circulação e nas instalações sanitárias - com um lambril); a madeira, que confere um maior conforto ao espaço de permanência que se vira para o jardim de buxo.

Através deste corte pode-se também ver a relação franca que existe entre este corpo e o pátio de honra da quinta, possível devido à abertura criada no muro, assim como a ligação ao jardim.

Planta - Escala 1:30  
Corte - Escala 1:50



Prolongamento do corte.

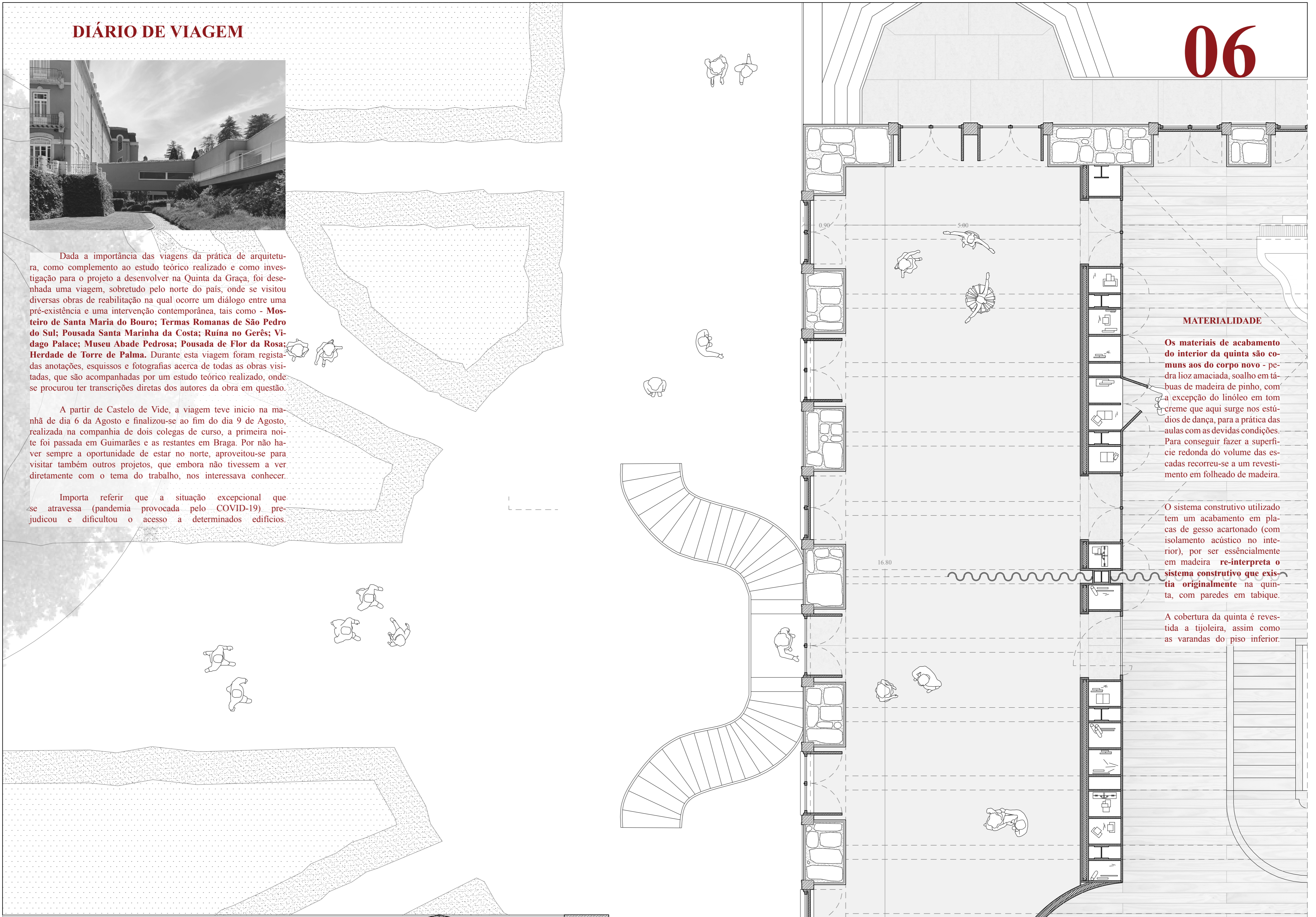




Dada a importância das viagens da prática de arquitetura, como complemento ao estudo teórico realizado e como investigação para o projeto a desenvolver na Quinta da Graça, foi desenhada uma viagem, sobretudo pelo norte do país, onde se visitou diversas obras de reabilitação na qual ocorre um diálogo entre uma pré-existência e uma intervenção contemporânea, tais como - **Mosteiro de Santa Maria do Bouro; Termas Romanas de São Pedro do Sul; Pousada Santa Marinha da Costa; Ruína no Gerês; Vidago Palace; Museu Abade Pedrosa; Pousada de Flor da Rosa; Herdade de Torre de Palma.** Durante esta viagem foram registadas anotações, esboços e fotografias acerca de todas as obras visitadas, que são acompanhadas por um estudo teórico realizado, onde se procurou ter transcrições diretas dos autores da obra em questão.

A partir de Castelo de Vide, a viagem teve início na manhã de dia 6 de Agosto e finalizou-se ao fim do dia 9 de Agosto, realizada na companhia de dois colegas de curso, a primeira noite foi passada em Guimarães e as restantes em Braga. Por não haver sempre a oportunidade de estar no norte, aproveitou-se para visitar também outros projetos, que embora não tivessem a ver diretamente com o tema do trabalho, nos interessava conhecer.

Importa referir que a situação excepcional que se atravessa (pandemia provocada pelo COVID-19) prejudicou e dificultou o acesso a determinados edifícios.



MATERIALIDADE

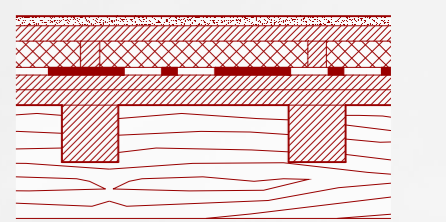
Os materiais de acabamento do interior da quinta são comuns aos do corpo novo - pedra lioz amaciada, soalho em tábuas de madeira de pinho, com a exceção do linóleo em tom creme que aqui surge nos estúdios de dança, para a prática das aulas com as devidas condições. Para conseguir fazer a superfície redonda do volume das escadas recorreu-se a um revestimento em folheado de madeira.

O sistema construtivo utilizado tem um acabamento em placas de gesso acartonado (com isolamento acústico no interior), por ser essencialmente em madeira re-interpreta o sistema construtivo que existia originalmente na quinta, com paredes em tabique.

A cobertura da quinta é revestida a tijoleira, assim como as varandas do piso inferior.



Conforme se pode observar no corte a 1:50, a parede nova que separa as alas (revestida a espelho para os estúdios) aparentemente não toca na laje, o que permite ter iluminação através de uma sanca de luz. O mesmo acontece com o rodapé dessa mesma parede, criando a ilusão de uma parede espelhada e suspensa.



LEGENDA DO CORTE,

na laje entre pisos. Escala - 1:20

- viga primária: 30 cm
- vigas secundárias: 15 cm
- tábuas na direção do pavimento: 4 cm
- placa OSB: 4 cm
- tela acústica: 2 cm
- ripa de madeira: 7 x 3 cm - com lâ de rocha no interior
- placa de OSB: 4 cm
- linóleo: 2,5 cm

Planta - Escala 1:50  
Corte - Escala 1:50

